

A LITERATURA COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO PARA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

LITERATURE AS AN ELEMENT OF TRAINING FOR ETHNIC-RACIAL EDUCATION

LA LITERATURA COMO ELEMENTO DE LA FORMACIÓN PARA LA EDUCACIÓN ÉTNICO-RACIAL

Rosangela Maria Silva¹

Resumo: O presente artigo explicitará as principais considerações realizadas na dissertação de mestrado intitulada “Ressignificando o uso da literatura para educação étnico-racial” apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo sob orientação da professora doutora Dislane Zerbinatti Moraes. A pesquisa discutiu literatura e formação humana, considerando os aspectos que envolvem a obrigatoriedade dos estudos de cultura africana e afro-brasileira na escola, sob a perspectiva da Lei 10.639 de 2003, alterada pela Lei 11.645 de 2008. Os objetivos da pesquisa encontram-se relacionados ao contexto de realização da lei, suas condições de elaboração dentro da escola e retomada de seus sentidos de aplicabilidade. A pesquisa caracterizou-se por ser qualitativa com aspectos que a inserem dentre os estudos etnográficos e propôs um estudo de caso que envolveu os sujeitos de pesquisa, alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de São Paulo. O referencial teórico foi constituído por autores que estudam e problematizam as questões étnico-raciais relacionadas ao negro e discutem o uso da Literatura no desenvolvimento do processo de humanização do indivíduo. Dessa forma, pudemos explicitar em nossas considerações finais que ressignificar o uso da literatura na escola compreende direcioná-lo na condição de proporcionar conhecimento e transformação no indivíduo a partir de uma experiência significativa.

Palavras-chave: Relações étnicas; literatura; práticas escolares.

Abstract: This article will explain the main considerations made in the master's dissertation entitled “Resignifying the use of literature for ethnic-racial education” presented to the Faculty of Education of the University of São Paulo under the supervision of Professor Dr. Dislane Zerbinatti Moraes. The research discussed literature and human formation, considering the aspects that involve the obligation of studies of African and Afro-Brazilian culture in schools, under the perspective of Law 10.639 of 2003, amended by Law 11.645 of 2008. The research objectives are found related to the context in which the law was carried out, its conditions of elaboration within the school and the resumption of its sense of applicability. The research was characterized for being qualitative with aspects that insert it among the ethnographic studies and proposed a case study that involved the research subjects, students from the 7th year of Elementary School of a municipal school in the city of São Paulo. The theoretical framework consisted of authors who study and discuss ethnic-racial issues related to black people and discuss the use of Literature in the development of the individual's humanization process. In this way, we were able to make explicit in our final considerations that giving new meaning to the use of literature at school includes directing it in the condition of providing knowledge and transformation in the individual based on a significant experience.

Keywords: Ethnic relations; literature; school practices.

¹ Universidade de São Paulo.

Resumen: Este artículo explicará las principales consideraciones realizadas en la tesis de maestría titulada “Resignificación del uso de la literatura para la educación étnico-racial” presentada a la Facultad de Educación de la Universidad de São Paulo bajo la dirección de la profesora Dra. Dislane Zerbinatti Moraes. La investigación discutió la literatura y la formación humana, considerando los aspectos que involucran la obligación de los estudios de la cultura africana y afrobrasileña en las escuelas, bajo la perspectiva de la Ley 10.639 de 2003, modificada por la Ley 11.645 de 2008. Los objetivos de la investigación se encuentran relacionados con el contexto en el que se llevó a cabo la ley, sus condiciones de elaboración dentro de la escuela y la reanudación de su sentido de aplicabilidad. La investigación se caracterizó por ser cualitativa con aspectos que la insertan entre los estudios etnográficos y propuso un estudio de caso que involucró a los sujetos de investigación, estudiantes del 7º año de la Escuela Primaria de una escuela municipal de la ciudad de São Paulo. El marco teórico consistió en autores que estudian y discuten temas étnico-raciales relacionados con los negros y discuten el uso de la literatura en el desarrollo del proceso de humanización del individuo. De esta forma, pudimos hacer explícito en nuestras consideraciones finales que dar un nuevo significado al uso de la literatura en la escuela pasa por orientarla en la condición de brindar conocimiento y transformación en el individuo a partir de una experiencia significativa.

Palabras clave: Relaciones étnicas; literatura; prácticas escolares.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo expor os principais aspectos apresentados na dissertação de mestrado intitulada “Ressignificando o uso da literatura para educação étnico-racial” apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 25 de setembro de 2018 na área de Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas, sob orientação da professora Dislane Zerbinatti Moraes.

O estudo procurou discutir e propor a reflexão em torno dos aspectos que envolvem a obrigatoriedade dos estudos de cultura africana e afro-brasileira na escola, após mais de uma década de consolidação da Lei 10.639 de 2003, alterada pela Lei 11.645 de 2008, considerando a relação entre literatura e formação do indivíduo. Dessa forma, a pesquisa procurou dimensionar as possibilidades da inserção na escola das temáticas de africanidades, principalmente às diretamente relacionadas à construção ou resignificação do processo de consolidação de uma identidade negra e de uma educação para as relações étnico-raciais comprometida com o combate ao racismo e preconceito racial.

Os objetivos da pesquisa encontram-se relacionados ao contexto de realização da Lei 10.639 (11.645), suas condições de elaboração dentro da escola e retomada de seus sentidos de aplicabilidade, sendo assim explicitados: descrever as circunstâncias e desafios do trabalho com as questões étnico-raciais na escola, analisar as experiências da Lei por meio de proposta de intervenção que se constituiu em corpus de análise deste estudo, além de explicitar de que forma a literatura pode contribuir na prática de professores e na formação dos educandos, como instrumento instigador e formador acerca da problematização das questões que envolvem o negro no Brasil.

Uma das preocupações da pesquisa foi compreender e escutar o que os alunos podem expressar e aprender sobre questões-étnicos raciais através do texto literário para além das aulas de Literatura, ou seja, quais as possibilidades para que o texto literário possa ser elemento de formação em todas as disciplinas do currículo, ao se pensar em uma educação formativa, para além dos muros da escola.

O estudo justifica-se, diante da relevância da sua temática geral e por tomar como permanente a reflexão sobre educação e formação social do sujeito, a partir da análise das práticas desenvolvidas na escola. O uso da Literatura é compreendido como uma possibilidade de problematizar as questões étnico-raciais, o que contribuirá para que o indivíduo amplie seu

repertório estético-cultural, e que sob outra perspectiva, esse sujeito possa confrontar sua realidade, principalmente nos contextos que envolvam preconceito, racismo ou discriminação racial.

O conceito de formação foi compreendido neste estudo como elemento humanizador, ou seja, aspecto relevante que envolve a construção do homem como ser social capaz de transformar sua realidade. O processo de formação do homem corresponde, nesse sentido, a um amplo percurso que envolve uma ação conjunta entre os conhecimentos e as experiências do indivíduo que vão consolidar esse ser social. Por isso, acreditamos que a educação é fundamental na consolidação da formação humana e conseqüentemente a escola é um agente ativo nesta trajetória.

Paulo Freire defende uma educação para a formação, desde que esta problematize, seja capaz de formar um indivíduo reflexivo, com senso crítico, autônomo, agente efetivo de sua sociedade com a finalidade de transformá-la para que esta seja no mínimo mais igualitária. A chamada educação “libertadora” sugerida por Freire, leva o homem a ser “sujeito de sua própria realidade” (FREIRE, 2002, p. 68).

À vista disso, para que possamos entender o sentido de experiência da formação é necessário compreendermos que a aprendizagem ocorre nas interações, nos diálogos, nos compartilhamentos, na disponibilidade em nos tornarmos cada vez menos inacabados. As relações humanas possibilitam pensar o homem como sujeito histórico fundado a partir das conexões que este estabelece com o meio no qual está inserido e com os demais indivíduos que o cerca. Dessa rede de interação e interdependência é que se vão consolidando a cultura e a educação, por exemplo, como frutos da apropriação e resignificação de um conhecimento acumulado pelo homem.

Da mesma maneira, pode-se compreender que a formação também será fomentada pelo conhecimento e se originará das relações estabelecidas pelo homem, sendo parte de um processo individual potencializada pela experiência do indivíduo que a fará transformadora conforme nos aponta Larrosa (2011, p. 07):

Se lhe chamo ‘princípio de transformação’ é porque esse sujeito sensível, vulnerável e exposto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações, etc. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação.

A literatura proporciona ao indivíduo o movimento de inserção em experiências que pertencem a outros, mas que podem ser compartilhadas pelo “eu”. A literatura concretizada no texto literário colabora para que o sujeito transite num processo de desenvolvimento cultural e intelectual, assumindo por meio do entretenimento, do conhecimento e da reflexão uma postura de experimentar e interpretar a realidade que o rodeia:

O texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano o leva a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências [...] o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias (ZILBERMAN, 1998 p. 19).

Antonio Candido (1972) defende que ocorrerá uma espécie de equilíbrio social quando as pessoas tiverem acesso à literatura, pois por meio dela é possível relacionar e refletir em torno dos problemas que afetam a sociedade. Logo, pode-se estabelecer um embate dialético ente a leitura feita e o contexto de realidade do leitor, o que propiciará a ele, leitor, pensar

criticamente sobre seu entorno e atuar em sua realidade. Para o autor, toda obra literária tem o poder de humanizar, pois pressupõe a superação do caos.

Logo, ao compreender que a literatura auxilia e contribui para que o sujeito possa entender seus anseios, interpretar a coletividade da qual faz parte e significar os procedimentos históricos que determinam sua realidade, pode-se colocá-la como muito importante na concretização de um projeto educativo em que se busque formar sujeitos críticos e capazes de elaborar uma sociedade tolerante, pronta a viver na diversidade e oferecer, a seus participantes, condições igualitárias.

Assim, para corroborar com uma educação que alcance as diversidades, a literatura transforma-se em um importante instrumento de formação para as questões étnico-raciais dentro da escola. Portanto, no presente estudo atribuiu-se especial atenção à dimensão formativa da literatura, fazendo dela parte constituinte do *corpus* de análise por meio das impressões de leitura dos alunos diante de textos literários que abordam a temática étnico-racial, assim como o relato de docentes em torno do uso da literatura na escola para discutir questões relacionadas à condição do ser negro.

Relações étnico-raciais no contexto educacional

Compreendemos por relações étnico-raciais aquelas que se consolidam no interior e exterior dos diferentes grupos sociais e étnicos que refletem as diferenças e as questões de pertencimento desses sujeitos quando inseridos nesses agrupamentos. Quando se discute em torno de uma educação para as relações étnico-raciais é também considerar o quanto a educação pode impactar sobre as consequências desse pertencimento social e étnico do sujeito, seja na esfera individual ou coletiva, negativa ou positivamente, e propor um projeto educativo rumo a uma sociedade igualitária.

Por que razão persistir no caminho para uma educação étnico-racial na escola? Uma possível resposta a essa pergunta começaria por refletirmos em torno de situações cotidianas que em determinados momentos são propagadas nos diferentes meios de comunicação, nas quais indivíduos passam a ser julgados pela maneira como se vestem, o modo como apresentam seu cabelo e pela cor da pele. Dentre muitos argumentos, este é o que nos leva a considerarmos o fato de estarmos inseridos em uma sociedade que externa em palavras e atitudes um comportamento de preconceito e discriminação racial.

As tensões provenientes de relações étnico-raciais no Brasil estão entranhadas em nosso meio desde os primórdios de nosso processo de colonização. As questões que envolvem o negro no Brasil foram marcadas por discursos variados que, em sua maioria, procuravam atribuir um tom de amenidades aos fatos propostos. Nos dias atuais, vivemos um momento favorável para problematizar as questões étnico-raciais, uma vez que se discute de modo mais aberto essas tensões e condições adversas para pessoas negras, assim como repercussões de fatos locais e globais sobre racismo. Somamos a isso, o fato do maior engajamento da sociedade, representada por movimentos sociais, como o Movimento Negro, no Brasil, por exemplo, que exercem pressão junto às autoridades do país. Essa movimentação repercutiu em ações legais destinadas principalmente para área da educação, uma vez que na escola, temos a presença de um processo educativo que contribui para o desenvolvimento humano:

No caso específico da educação escolar, será necessário conhecer e analisar as experiências significativas de diversidade étnico-racial no interior das escolas, produzir conhecimento sobre o tema, compreender as demandas dos movimentos sociais e construir práticas pedagógicas de superação do racismo que possam articular o conhecimento acadêmico com o conhecimento produzido pelos movimentos sociais. É preciso desnaturalizar o lugar ocupado pela diversidade étnico-racial na escola (GOMES, 2012, p. 24).

Pensarmos na educação das relações étnico-raciais e considerarmos os processos educativos que criem condições para que as pessoas rompam preconceitos raciais, é possibilitar a construção de uma sociedade que acolha seus indivíduos a partir de suas diferenças em um contexto de valorização do outro e de equidade. Também faz parte das relações étnico-raciais proporcionar um ambiente educativo que promova para os negros e os não negros espaço para construção de uma identidade étnico-racial sob um ponto de vista positivo. Evidentemente que a escola, não será o único viés de formação dessas relações. No entanto, é importante ressaltar a importância da escola como local privilegiado para a realização do desenvolvimento das relações étnico-raciais, positivamente, por conter em seu interior um recorte da diversidade da sociedade e também ser o espaço que reproduz comportamentos e pensamentos que fortalecem a permanência do racismo em meio a uma estrutura social sólida.

Trazer para o espaço escolar as discussões sobre relações étnico-raciais é pensar em uma abordagem educativa que possa oferecer condições ao educando refletir com autonomia em torno da sua formação histórico-cultural e possa contribuir para que ele venha construir seu percurso de cidadania de forma a transformar-se em um agente de mudança de seu espaço social:

Em outras palavras, a finalidade deste livro consiste, por um lado, em mostrar o racismo como um dos graves problemas de nossa sociedade e, por outro lado, em mobilizar todas as forças vivas da sociedade para combatê-lo. Entre essas forças, a educação escolar, embora não possa resolver tudo sozinha, ocupa um espaço de destaque. Se nossa sociedade é plural, étnica e culturalmente, desde os primórdios de sua invenção pela força colonial, só podemos construí-la democraticamente respeitando a diversidade do nosso povo, ou seja, as matrizes étnico-raciais que deram ao Brasil atual sua feição multicolor composta de índios, negros, orientais, brancos e mestiços (MUNANGA, 2005, p. 17).

Daí a relevância de reavaliar o papel da escola nesse processo de efetivação e consolidação da Lei 10.639/03. É preciso que a escola crie uma forma de organizar conhecimentos que levem o aluno à valorização de culturas diversas, como por exemplo as culturas dos povos africanos.

Pensar em uma educação emancipadora, voltada para realizar a educação-étnico-racial, comprometida em estabelecer uma sociedade que não negligencie seus sujeitos é refletir em como fazer com que a representatividade desses indivíduos seja visível nos saberes construídos e que circulam na escola.

Diante disso, pensar em propostas de intervenção para tratar de relações étnico-raciais, por meio da literatura vislumbra verificar as possibilidades de inserção desse conteúdo nas aulas de forma agregada à trajetória do desenvolvimento regular das atividades curriculares dos alunos. A escolha da literatura, para proporcionar esse movimento de formação na sala de aula, deveu-se ao fato de a gênese da história evidenciar a questão da literatura, o que as torna parte uma da outra. Por isso, ao falar em História e cultura, também cabe falar de literatura e através dela também será possível compreender socialmente e historicamente o indivíduo negro.

Investigar com gêneros textuais

Para constituição do instrumento de pesquisa aplicado durante o processo de consolidação desta, decidimos por um objeto que considerasse a literatura como ferramenta significativa na formação do indivíduo no tocante às questões étnico-raciais dentro da escola. Por esta razão, tomamos o texto literário para além de seus limites de transmissor de conteúdos, elevando-o como meio de compreensão e interpretação de um determinado contexto histórico, social e

cultural da realidade que repercute em diversos níveis sociais, em tempos variados historicamente, considerando as especificidades da literatura na escola:

Não podemos esperar, nem exigir, que ela se mantenha a mesma dentro e fora da escola. Isso seria negligenciar a presença do discurso pedagógico, responsável pelo deslocamento dos textos literários produzidos no campo universitário (científico), para o campo pedagógico. Sendo assim, ao passar de um campo a outro, nenhum tipo de texto/conhecimento permanece o mesmo (CHAGAS; MACEDO, 2012, p. 75).

Trabalhar literatura na escola implica compreender que o texto literário ganhará sentido na relação entre leitor e texto, fundamentada em uma experiência de leitura viva. Dessa forma, mais do que uma excessiva preocupação com aspectos da Teoria Literária, muito relevantes para a formação do professor de literatura, o trabalho com o texto literário na escola poderá caminhar no sentido de contribuir para o crescimento e desenvolvimento intelectual, sócio emocional e cultural do aluno, dimensionando sua característica formadora, conforme as reflexões. Segundo Marcia Abreu (2006):

Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e estudar literatura. A literatura erudita pode interessar a comunidades afastadas da elite intelectual, não porque devam conhecer a verdadeira literatura, a autêntica expressão do que de melhor se produziu no Brasil e no mundo, mas como forma de compreensão daquilo que setores intelectualizados elegeram como sua cultura. Do mesmo modo, pode-se estudar e analisar os textos não canonizados, o que para alguns significará refletir sobre sua própria cultura e para outros, o conhecimento das variadas formas de criação poética ou ficcional (p. 112).

Os apontamentos de Abreu (2006, p. 112) nos direcionam para o caráter político da Literatura e como isto se dá também no âmbito da escola, uma vez que as escolhas das obras literárias presentes na sala de aula não estão embutidas no campo da neutralidade: “não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem”. A autora afirma que não se trata de gosto. De fato, a literatura atende a demandas culturais de segmentos diversos da sociedade. Sendo assim, nossas considerações não se apoiam na ideia da existência de uma literatura elevada e outra não, mais ou menos valorizada dentro de um cânone preestabelecido. O que procuramos evidenciar foi o quanto a literatura pode auxiliar no processo de constituição do sujeito.

A literatura na escola apresenta-se com peculiaridades, dentre as quais, o fato de que o desenvolvimento de atividades com o texto literário em sala de aula comumente é relacionado às abordagens sobre os gêneros do discurso. O conceito de gênero do discurso que adotamos em nosso estudo abrange as postulações feitas principalmente por Bakhtin (2016), uma vez que atendem às expectativas propostas pelo instrumento de pesquisa, especificamente quanto a situar o gênero textual, enquanto discurso, no campo das práticas sociais, o que justifica o desenvolvimento de atividades que utilizem os gêneros para viabilizar uma ação educativa que promova e auxilie o indivíduo em seu processo de humanização.

Ao entendermos o uso dos gêneros do discurso como prática social, atribuímos à leitura e escrita também funções sociais que proporcionam ao indivíduo formar e desenvolver consciência crítica que o leve a romper os limites do texto e da palavra, colocando-o como agente social de seu meio.

Utilizamos para nosso instrumento de pesquisa quatro gêneros do discurso de esferas sociais distintas: o conto, os quadrinhos, a autobiografia e a carta. Para leitura com os participantes da

pesquisa selecionamos os seguintes textos: “As mãos dos pretos” (conto) de Luis Bernardo Honwana², “Clara dos Anjos” (conto) de Lima Barreto³, “Impressões de uma infância” (conto) de Silvana Martins⁴, “Fábrica de fazer vilões” de Ferréz⁵, “Aya de Yopougon” (quadrinhos) de Marguerite Aboutet⁶ e “O filho-presente” de Kabouna Keita⁷ (autobiografia). Logo, a escolha dos textos que compuseram o instrumento de pesquisa de nosso estudo partiu adas das características próprias de cada um deles, capazes de servir para realizar os aspectos que envolvem a formação e sua relação com a literatura, assim como da preocupação em procurar em linguagens diversas perspectivas acerca da temática, abordada nos textos, que seria apresentada aos sujeitos da pesquisa.

Construção e procedimentos da pesquisa

A escola onde ocorreu a realização da proposta inserida no instrumento de pesquisa está localizada no bairro Cidade Dutra, no extremo da zona sul da cidade de São Paulo, região de acentuados contrastes sociais.

Os encontros com os alunos foram realizados no período de junho a novembro de 2016. Durante este tempo, as idas à escola ocorriam entre uma ou duas vezes por semana por pelo menos duas horas.

Nosso estudo ocorreu em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. A escolha de alunos deste ano escolar deveu-se ao fato de que estudantes dessa faixa etária, a princípio, estão aptos quanto às questões de leitura e escrita, para tratar do texto literário, além do que as noções de identidade e de pertencimento social se encontram em desenvolvimento nesse período da vida escolar, o que seria interessante para notar como esses alunos se dispõem a tratar dos assuntos étnico-raciais e como quais seriam suas apropriações e representações em torno dessa temática. A turma em questão era composta por 23 alunos.

Para cada um dos textos selecionados que compuseram o nosso instrumento de pesquisa foi solicitado aos alunos uma impressão de leitura. Os alunos participaram de encontros no formato de aula-oficina, conforme pressupostos elaborados por Barca (2004), nos quais as atividades com o texto literário foram desenvolvidas. A denominada Aula Oficina proporciona ao aluno um papel de gerenciador de seu próprio conhecimento:

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo ou errado, completo ou incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes de seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004, p. 133).

Neste formato de aula, o professor, como “investigador social” procura entender e buscar a mudança de conceito do estudante de modo a organizar e problematizar as atividades que

² In: *Nós matamos o cão tihoso*. São Paulo: Ática, 1980.

³ In: *Clara dos Anjos*. São Paulo: Saraiva, 2002.

⁴ In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (Org.). *Cadernos negros 36: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2013. p. 101.

⁵ In: *Ninguém é inocente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

⁶ In: *Aya de Yopougon*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

⁷ In: *O filho-presente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

deverão ter uma perspectiva significativa, por isso um elemento importante desse tipo de aula é a contextualização que acabará por determinar a “progressão do conhecimento”:

entender-se – ou procurar entender – situações humanas e sociais em diferentes espaços; relacionar os sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro; levantar novas questões, novas hipóteses a investigar – o que constitui, em suma, a essência da progressão do conhecimento (BARCA, 2004, p. 135).

É importante salientar que os alunos eram orientados a registrar suas impressões de leitura de modo a estabelecer uma “conversa” com o texto de forma espontânea e poderiam anotar suas impressões respeitando, na medida do possível, o gênero solicitado por nós para o registro (relato pessoal, carta, ou quadrinhos, por exemplo).



Figura 1: Registro do aluno sobre o conto “Impressões de uma infância” – Fonte: Autor/Resultado do estudo

As atividades aconteceram por meio de encontros semanais, para leitura e discussão dos textos selecionados. Para condução da aula, foram propostas questões como: “o que vocês pensam do texto”, “o que vocês compreenderam do texto” “Vocês podem destacar um trecho que tenha lhe chamado a atenção”, a fim de recolher somente as impressões de leitura dos alunos e que se possa perceber o entendimento do aluno em torno das questões étnico-raciais com herança em diferentes contextos sociais e históricos.

Ao longo dos encontros, houve sempre um momento destinado à escuta dos alunos. Foi importante deixar nítido ao grupo que aquele seria um espaço em que eles poderiam expandir suas ideias, compartilhá-las e até mesmo reconstruí-las.

Antes da aplicação e desenvolvimento do instrumento de pesquisa, procuramos presenciar a dinâmica da escola. Procuramos acompanhar e observar as aulas da turma, a fim de sabermos da dinâmica do grupo de estudantes e ter contato com seus professores. Em relação à observação das aulas atentamos em compreender de que forma o conteúdo étnico-racial é abordado em sala de aula e de que modo a literatura serve como instrumento para tratar essa temática e se colocar como elemento desencadeador tanto da produção de conhecimento quanto da apreensão de conceitos por parte dos estudantes.

O lidar com o texto literário é um aspecto permanente de discussão e reflexão no contexto da escola, conforme já explicitamos aqui. Seja nas aulas de Literatura em que, por vezes, há uma preocupação em definir datas, marcar características das principais escolas literárias, e seus

principais autores, seja em aulas em que o texto literário surge como elemento que elucida determinado contexto, o espaço da sala de aula torna-se valoroso no tocante às possibilidades de propiciar ao estudante subsídios para refletir sobre aspectos históricos, culturais e sociais que envolvem seu modo de pensar e compreender a sociedade em que vive.

É possível admitirmos que o trabalho com o texto literário na escola torna-se relevante também no sentido de contribuir para consolidação e desenvolvimento da própria identidade pessoal e social do educando. Atividades que envolvam a leitura de contos, crônicas e outros gêneros textuais podem favorecer para a formação de uma consciência crítica por parte do aluno:

O texto literário possui um conjunto de atributos que são fundamentais na interação com o leitor, entre eles a possibilidade de identificação, pois nesse tipo de texto as ideias e opiniões transparecem mais facilmente, promovendo um elo que ultrapassa os limites do próprio texto. Possui a capacidade de comover, de cativar com estórias e fatos que não raramente fazem o leitor vivenciar a situação lida, quando não, algumas vezes, fazem-no reviver na obra literária a própria história de vida (ALMEIDA, 1993, p. 13).

Tanto para a pesquisa como para a consolidação de seu instrumento, foi muito importante a temática dos textos selecionados. Foram escolhidos textos literários que abrangem as questões étnico-raciais por personagens negros e que refletem em torno de suas condições históricas, sociais ou culturais.

Optamos por autores africanos e brasileiros que abordassem o tema em seus escritos, sem uma preocupação em definir expressões ou conceitos que os coloquem como participantes de uma “literatura afrodescendente brasileira”, ou “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira” que acabam, de acordo com Sarteschi (2011), por indicar “posturas particularizadoras” que levam “a aprisionar toda uma produção literária”, o que mais uma vez nos levaria a partir para uma outra discussão teórica, além dos limites da pesquisa realizada.

Análise dos registros feitos pelos alunos

As formas como os estudantes apreenderam aspectos que remetem às questões fictícias, passíveis de serem consideradas para além das linhas impressas do texto, foram relacionadas com uma possível realidade, e são evidenciadas nos registros quando os alunos emitem, por meio dos escritos, ter uma consciência em relação à problematização acerca de questões que envolvem discriminação raciais e outros elementos que compõem as questões étnico-raciais como a busca por identidade.

Nos registros referentes a leitura do conto “As mãos dos pretos” de Luis Bernardo Honwana, os alunos fizeram questionamentos sobre os motivos que levaram o personagem a querer saber a origem de sua cor e levantaram hipóteses do tipo: “Esse menino ter sido discriminado”, “o menino deveria estar triste por ser maltratado pela cor que tinha”, “se as palmas das mãos são brancas, mostra que somos iguais”.

De acordo com Paulo Freire (2002), por meio de uma consciência crítica o indivíduo passa a produzir referenciais para agir e refletir sobre o mundo. Contudo, para que isso se efetive é necessário criar condições para aquisição dessa criticidade. Ao tornar-se consciente, o sujeito passa, ao mesmo tempo, de um aprofundamento na realidade para um afastamento dela, uma vez que transpõe os limites dessa consciência através da análise, do desvelamento dos motivos de uma dada circunstância experimentada e chega na elaboração de atitudes de transformação.

Freire sustenta que as ações coletivas oferecem ao oprimido possibilidades de controle de sua própria vida e de conquista da voz necessária à nomeação do mundo e à estruturação do futuro. Portanto, a conscientização não se resume à tomada de conhecimento da realidade, como se ‘descobrir a realidade’ fosse consagrá-la, admitir que, ‘vista’, a realidade mostra o que é, e o que é a verdade, sem lugar para o vir a ser (GHIGGI; DA ROSA OLIVEIRA, 2007, p. 25).

Portanto, pode-se identificar em alguns dos registros coletados que os estudantes ao emitirem uma opinião sobre o conto, o fazem de forma a relacioná-la diretamente aos questionamentos colocados pelo texto, como notamos nos trechos a seguir: “O que me chamou atenção na história foi que o menino queria saber o porquê da mão dele ser branca por dentro e que ele era apenas uma criança querendo saber mais sobre a raça dele” (E.L.O, grifos nossos); “As palmas das mãos dos pretos eram mais claras que eles, porque Deus fez assim, porque todos nós somos iguais” (L.S.R, grifos nossos).

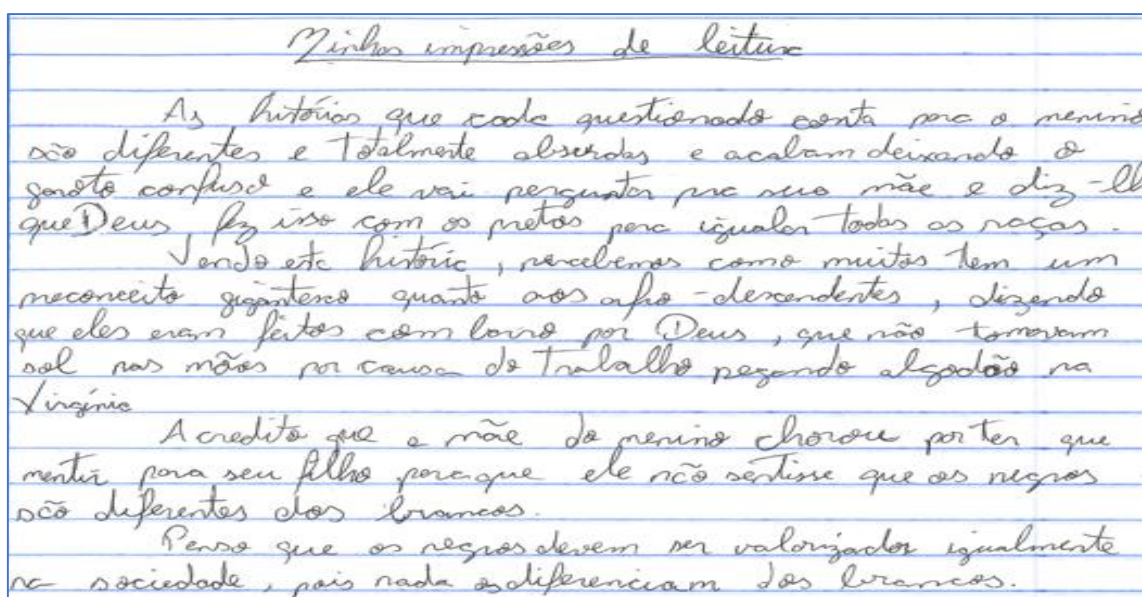


Figura 2: Registro do aluno sobre o conto “As mãos dos pretos” – Fonte: Autor/Resultado do estudo

Nesses trechos, o nível de consciência, dos estudantes é explicitamente colocado nos registros por meio de seus argumentos explicativos ou conclusivos “pois para mim”, “porque todos nós somos iguais”. O uso de algumas expressões específicas relacionadas ao tema trabalhado traz à tona o fato desse sujeito-leitor explicitar suas concepções acerca dos conceitos de racismo e preconceito. Assim, o texto servirá como mote para ampliar ou confrontar as concepções desses estudantes, considerando que eles estão em um processo de amadurecimento enquanto indivíduos e leitores.

Por serem alunos muito jovens, é importante considerarmos que a relação com a leitura literária desses estudantes está em desenvolvimento. A depender do trabalho a ser realizado com eles nos anos seguintes do percurso escolar, é possível que estejam mais maduros para atribuir novos sentidos aos textos literários e relacioná-los com mais questões que permeiem suas realidades. O que não faz disso uma regra, mas no sentido que ao considerarmos a literatura como uma experiência que humaniza, dar sentido a ela será muito relevante para o processo formativo que esses estudantes passam dentro da escola.

Outro aspecto que chama atenção, são os registros que indicam uma consciência mais complexa das temáticas que estão além dos limites do texto e que servem como fomento para abrir discussões e ampliar os conhecimentos que surgem com a construção do sentido do texto:

“Sobre o motivo pelo qual as mãos dos pretos são brancas, expõe algo muito individual ao invés do que realmente é social” (A. C. S.); “Acredito que a mãe do menino chorou por ter que mentir para seu filho para que ele não sentisse que os negros são diferentes dos brancos” (G. F. A.); “Na minha opinião, o texto fala também do preconceito e racismo, pois alguns personagens humilham e diminuem os negros através de suas palavras” (A. L.).

A leitura que esses estudantes realizaram os colocam diante de uma posição reflexiva diante do texto literário. Para esses estudantes, o texto não estava ali somente para contar uma história. Esse grau de consciência que pode ser percebido nos trechos “*expõe algo muito individual ao invés do que realmente é social*” e o “*o texto fala também do preconceito e racismo*”. Isso aponta para uma percepção clara desses alunos que o texto também serviria para contextualizar e dar forma a uma discussão que incorpora elementos da sociedade. Ao registrar que o texto traça expectativas individuais sobre o fato das palmas das mãos dos pretos serem brancas, o aluno aponta para uma perspectiva do “que é realmente social”, embora não tenha discriminado o que seria.

Outro aspecto interessante em relação aos registros foi a leitura realizada pelos alunos de que a atuação do segmento que representa a ordem é regida por diferenciar as pessoas pela cor da pele. Essa dinâmica social vem à tona na forma como os alunos em seus escritos retomam a questão ressaltando a cor da pele das personagens e suas atribuições dentro do enredo. O racismo compreendido como um elemento de repressão social contribui para permanência de um modelo pré-concebido para os sujeitos negros que determinam sua posição no mundo. Isso pode ser exemplificado a partir dos registros que os estudantes fizeram do conto “*fábrica de fazer vilão*” de Ferréz: “*Chega de falar, olha a sua cor, não vou acreditar em você, sai correndo. Se falar para alguém eu te mato*” (F. S.); “*Um dia na favela, um jovem negro estava andando quando de repente: Polícia: – Encosta, encosta, encosta... O policial com raiva deu 3 tiros no jovem...*” (P. A.); “*passou uma viatura e enquadrou o menino negro falando que ele era ladrão, Twinzeiro e etc.*” (M. P.); “*– Você é branco não pode se misturar com este tipo de gente, esses bandidinhos de rua só vai te levar para o mal caminho*” (M. P.).

As impressões de leitura dos alunos apontaram que é necessário a escola firmar-se como componente fundamental para agir nas questões que envolvem os paradigmas de compreensão da sociedade, contribuindo para que os sujeitos possam transformá-la. Sendo assim, estudar a história do negro, saber das lutas em prol de igualdade que envolveram esse segmento, assim como estabelecer uma educação para superar o racismo, pressupõe uma escola engajada, firmada em bases sólidas para construir uma sociedade elevada no sentido de tornar-se justa para seus indivíduos.

Considerações finais

A educação constitui-se como uma das principais fontes para as transformações sociais, culturais e econômicas de um povo. A escola, desse modo, se faz local propício para ampliar seu caráter formativo e conceder aos sujeitos que a frequentam elementos necessários para consolidação de uma sociedade plena em termos de cidadania. A educação sob o ponto de vista da formação, precisa considerar um ambiente escolar no qual os comportamentos e valores, aliados aos conhecimentos curriculares possam conduzir os estudantes a uma sociedade que respeite a diversidade.

A pesquisa realizada procurou discutir e refletir sobre as possibilidades de uma educação voltada para as relações étnico-raciais na escola, a partir de uma prática docente, consolidada por meio da aplicação de instrumento de pesquisa, construído a partir dos aspectos provenientes da relação entre literatura e formação. O ensino de literatura, por meio dos gêneros textuais, pode nos levar a uma prática dialógica, na qual, a partir da experiência de leitura, o indivíduo poderá ser transformado

e ser capaz de atuar para mudar a realidade em que se encontra inserido, principalmente no tocante as suas formas de perceber o outro e conviver de formar tolerante nas diferenças.

As análises dos registros dos alunos nos remetem aos pressupostos teóricos de Larrosa (2011) que trata da experiência em educação como o elemento de transformação, a partir do modo como o sujeito é impactado nessa relação. Nos escritos dos sujeitos da pesquisa percebemos que a experiência com o texto literário os levou a dimensionar a realidade sob novas perspectivas:

Primeiro, que a experiência é uma relação com algo que não sou. [...] Segundo, que a experiência é uma relação em que algo tem lugar em mim. Neste caso, que minha relação com o texto, digo, minha leitura, é de condição reflexiva, volta para dentro, subjetiva, que me implica no que sou, que tem uma dimensão transformadora, que me faz outro do que sou. Por isso, depois da leitura, eu já não sou o mesmo de antes, já não posso olhar-me impávido no espelho. E terceiro, que a experiência é uma relação em que algo passa de mim a outro e do outro a mim. E nesse passa, tanto eu como o outro, sofremos alguns efeitos, somos afetados (LARROSA, 2011 p. 10).

Portanto, ressignificar o uso da literatura na escola compreende direcioná-lo na condição de proporcionar conhecimento e transformação no indivíduo a partir de uma experiência significativa. Nesse contexto, o uso da literatura para viabilizar práticas que possibilitem a permanência de uma educação das relações étnico-raciais na escola, em particular as que englobam a questão do negro, mostra-se consistente uma vez que por meio da Literatura se pode fazer uma leitura da realidade.

A educação através das relações étnico-raciais implica aprendizagens entre negros e brancos, compartilhamento de ideias, coexistência e engajamento em um projeto de elaboração de uma sociedade mais justa e igualitária. Não há espaço para neutralidades no contexto escolar.

Existe uma legitimidade na implementação de leis quando pensamos em melhorar e equilibrar a convivência do homem em sociedade. No entanto, a lei não deveria ser o elemento a condicionar um indivíduo para respeitar e aceitar o outro em suas diferenças. Esse aspecto aponta para uma sociedade que precisa ser conduzida num processo de rompimento com modelos históricos e de concepções que permitem e propiciam a exclusão. A sociedade será responsável por fazer com que uma lei se cumpra, sem burlá-la ou negligenciá-la, por isso deverá criar mecanismos para que isso ocorra.

Assim, ao refletir sobre a educação das relações étnico-raciais, é preciso ter clareza de que ela é parte de uma opção política de resistência às práticas pedagógicas que serviram – e ainda servem – para reproduzir a ideologia dominante, que silenciou a história e a cultura afro-brasileira, contribuindo, deste modo, para a sustentação do racismo e ampliação das formas de dominação e exploração (SANTOS JUNIOR, 2017, p. 85).

Por fim, podemos considerar a educação como o principal instrumento de capacitação do homem, que poderá fazê-lo compreender que sua atitude de ação gerará transformação, à medida que ele se permite experimentar, no sentido de ler criticamente sua realidade e consegue apreender o outro de diferentes lugares. É possível que somente com este posicionamento poderemos nos afastarmos de comportamentos destrutivos como racismo e preconceito racial que conduzem à sociedade a um processo de isolamento e descaracterização do que é ser essencialmente humano, ou seja, a compreensão plena de se viver em equilíbrio nas semelhanças e nas diferenças sem barreiras aparentemente intransponíveis como a cor da pele, por exemplo.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

ALMEIDA, Maria José. Divulgação científica e texto literário: uma perspectiva cultural em aulas de Física. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, v. 10, n. 1, p. 7-13, abr. 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: JORNADA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 4., 2004. *Anais...* Centro de Investigação em Educação (CIED) e Instituto de Educação e Psicologia Universidade do Minho, Braga, 2004, p. 131-144.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 12 ago. 2016.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 01 jun. 2016.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, p. 803-809, set. 1972.

CHAGAS, Valéria Inácio; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Eventos de leitura literária no contexto da escola integrada. *Poíesis Pedagógica*, v. 10, n. 2, p. 70-93, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2002.

GHIGGI, Gomercindo; DA ROSA OLIVEIRA, Avelino. Formação humana e exclusão social: repensando possibilidades, revigorando limites. *Revista Educação Unisinos*, v. 11, n. 1, p. 22-29, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. UNESCO, 2005.

SANTOS JÚNIOR, Oswaldo de Oliveira. Educação das relações étnico-raciais na trajetória das lutas dos afro-brasileiros. *Revista Caminhando*, v. 22, n. 1, p. 83-96, 2017.

SARTESCHI, Rosangela. A lei 11.645/08 e suas implicações no ensino de literatura: novas vozes no sistema literário brasileiro. *In: COLÓQUIO INTERESTADUAL HISTÓRIAS E CULTURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA ESCOLA*, 1., 2011. *Anais...* Centro Paula Souza, São Paulo, 2011, p. 28-33.

ZILBERMAN, Regina. *Sim, a literatura educa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Sobre a autora

Rosangela Maria Silva. Mestre em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

E-mail: ro.maria2428@gmail.com.